

Pesquisas interdisciplinares sobre a «inteligência artificial» avançam na Universidade de Tartu

Matemáticos, cibernéticos, filósofos, psicólogos e fisiologistas trabalham, há bastantes anos, para criar uma «inteligência artificial». A estes juntaram-se, recentemente, os historiadores da cultura. As semelhanças detectadas entre a inteligência humana e a consciência colectiva, traduzida na cultura, é o ponto de partida para as pesquisas sobre «inteligência artificial» conduzidas por uma equipa da Universidade de Tartu (Estónia-URSS) dirigida pelo prof. Iuri Lotman.

A dificuldade do estudo da inteligência reside, segundo Lotman, no facto de não haver uma definição rigorosa e científica esta faculdade.

Quanto à inteligência artificial, se se considerar, sem ser exaustivo, que se trata de um dispositivo com memória e capaz de produzir algo de novo, então pode dizer-se que nenhuma das máquinas até hoje criadas se pode apelar de «inteligente», porque todas elas funcionam seguindo um programa, por mais complexo que seja, elaborado pelo homem. Algo de novo significaria exactamente o inverso: não derivado, automaticamente, de um algoritmo previamente elaborado.

Para Lotman, é a personalidade que constitui um traço distintivo da inteligência humana e que coloca esta muito acima de qualquer «robot», por mais perfeito que seja.

Na cultura detectam-se muitas características que permitem compará-la à inteligência. E isto não só em relação à cultura no seu todo, mas também em relação a cada uma dessas obras que constituem uma das suas peças. «Hamlet», depois de ter sido escrito, foi interpretado de forma diferente por cada nova geração. Apesar da distância histórica a que se situa de nós, esta tragédia continua a influir sobre a nossa vida e a trazer-nos, sempre, uma nova informação.

Cérebro e filologia

A equipa de Iuri Lotman trabalha em cooperação com os investigadores do Instituto de Medicina Evolucionista Sétchenov, de Leninegrado, dirigido por V. Degline. Os médicos estudam o papel da assimetria funcional dos hemisférios do cérebro humano nas actividades intelectuais. Enquanto isso, os filólogos de Tartu procuram analogias na cultura. A análise comparada destes dois fenómenos dá informações interessantes para a semiologia.

Nikolai Nikolaïenko fez, em Leninegrado, uma série de experiências, uma das quais se relata sucintamente.

Conforme um programa conjunto com Lotman, Nikolaïenko fez um conjunto de testes simples a doentes em que um dos hemisférios cerebrais não funcionava. Um desses testes consistia em desenhar um quadrado.

Os doentes com o hemisfério esquerdo intacto desenhavam infalivelmente um losan-

gão, um modelo, com base no material cultural, que permite analisar a interacção dos dois hemisférios do cérebro. A tradução, cujos instrumentos são as línguas, esses arsenais de memória intelectual colectiva, é sempre a criação de uma nova informação. A tradução de uma poesia é uma nova poesia.

Lotman considera que o estudo do diálogo de duas culturas diferentes é muito promissor. A equipa de semiólogos que orienta esta análise minuciosamente as obras completas de Derjavine, poeta russo do século XVIII, cuja edição antiga está ilustrada conforme as orientações do autor. Isso permite estudar, também, a interferência entre as imagens gráficas e poéticas.

A partir deste trabalho, os investigadores redigirão uma espécie de dicionário de imagens artísticas da época e isto será a primeira etapa do estudo semiótico da cultura russa do século XVIII.

Porquê Derjavine?

Lotman explica: primeiro, a sua obra é composta por um conjunto limitado de textos bem estudados; segundo, traduz perfeitamente a especificidade da Rússia do século XVIII: a cultura antiga e a que se expandiu no país com as reformas de Pedro o Grande.

A cultura em regressão da Rússia medieval tende a registar a sua informação sob a forma estável de estruturas simétricas, como o demonstram a arte decorativa e o «folklore». A nova informação, das reformas de Pedro o Grande, essa é assimétrica.

Afirma Iuri Lotman que «este contacto entre duas culturas no âmbito relativamente restrito de um século é um modelo excelente para compreender a lógica do pensamento artístico de toda uma época». Este modelo - acrescenta - «poderá ajudar os investigadores a estabelecer um modelo de inteligência artificial, baseado nos elementos da cultura russa».

go, alongado na vertical, embora estivessem convencidos de que o resultado era um quadrado. Os que apenas utilizavam o hemisfério direito desenhavam quadrados quase perfeitos. Contudo, o hemisfério direito não pode, sozinho, reflectir a vida em toda a plenitude e complexidade.

A análise das experiências pelos filólogos estonianos levou-os a concluir que o processo intelectual é um diálogo incessante entre os dois hemisférios cerebrais, diálogo esse que se faz num plano semiótico, isto é, na linguagem dos sinais.

Os dois hemisférios participam, simultaneamente, na criação de imagens artísticas, embora em grau diferente: o direito opera melhor no espaço enquanto o esquerdo funciona de uma forma mais fragmentada.

Diálogo de culturas

Segundo Iuri Lotman, traduções de obras literárias for-

Dia

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

Investigação Científica
Univ. de Tartu (Estónia)